

INTERVENÇÃO URBANA: CAMPO ABERTO ENTRE ARTE E CIÊNCIA

Prof. Francisco Herbert Rolim de Sousa
Rua Humberto de Campaos, 936 PioXII
herbertrolim@oi.com.br

Alexandre de Albuquerque Mourão
Rua Dr. Alfredo Weyne 100, ap. 102 Bl. 2
alexandre_mourao2000@yahoo.com.br

Emanuel Silva de Oliveira
Rua Cacilda Becker, 489
emanuel.s.oliver@gmail.com

Ruth Vaz Costa
Rua Castro Alves, 180 – Joaquim Távora
ruth1985@gmail.com

Cristiane Soares de Silva
Rua 5, Casa 40. Conj. Veneza Tropical, Passaré.
www.cris@gmail.com

Nirvando Victoriano
Rua José Monteiro dos Santos, 1199/301 Bl.A
nivardovictoriano@hotmail.com

Leimisson Casimiro da Silva
Rua 2, 135, Bl A, ap. 101, Serrinha.
leimissoncassimiro@hotmail.com

Karla Iene Frota Albuquerque
Rua Conselheiro Tristão, 1619, ap. 301 B
karlaiene@hotmail.com

facultou ao Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação um avanço nas investigações sobre um processo cognitivo que encontra na arte urbana/educação um campo de experiência, aprendizagem e formação.

Palavras-Chave: Arte-educação. Intervenção urbana. Pesquisa-ação.

ABSTRACT

This text exposes a report of a fieldwork and some reflections of the “Meio Fio Pesquisa-Ação”- a research group of the Federal Institut of Education, Science and Techonology of Ceará. Due to an urban intervention the following questions are made: Can the art, like the science, with the research, contribute for the knowledge? Is it possible make a relationship between art and science through the “urban intervention”? Can we find in the action-research tools to the investigation of the pratic/reflexive nature? After this questions we investigated points of approximation and detachment of art and science, thinking about the proceedings of methodology of the action research. We concluded, in a conception of knowledge in a reflect and pratic way, that the urban intervention made us proceed in our investigations finding in the urban art/education a camp of experience, training,

Keywords: Art-education. “Urban intervention”. Action-research.

RESUMO

Este texto expõe o relato de uma experiência de campo e algumas reflexões do Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, mediados por uma prática denominada intervenção urbana, em que são levantadas as seguintes questões: Em que sentido a arte, como a ciência, por meio da pesquisa, pode também contribuir para o conhecimento? É possível estabelecer relações entre arte e ciência por meio de intervenção urbana/educação? Encontramos na metodologia pesquisa-ação ferramentas que dão conta das investigações praticoreflexivas desta natureza? A partir desses questionamentos foram investigados os pontos de aproximação e distanciamento entre arte e ciência, levando em conta procedimentos metodológicos baseados na pesquisa-ação. Concluimos que dentro de uma noção do conhecimento que seja também prático e reflexivo, podemos dizer que a intervenção

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma prática reflexiva em arte pública, o Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação¹ passou a investigar o sentido e o significado de pesquisa-ação como procedimento metodológico, objetivando encontrar na experiência a ser apresentada a seguir, um conhecimento que aproximasse a arte da pesquisa científica sem, no entanto, perder as características desse fazer artístico (subjetividade, singularidade, não-padronização,etc.)

Diante da influência das ciências positivas na produção de conhecimento, a pesquisa em intervenção urbana/educação, voltada para práticas reflexivas, encontra algumas referências no método experimental. Observando,

comparando, analisando e descobrindo as causas/conseqüências da situações, podemos chegar à descoberta de novos fenômenos, de acordo com as singularidades que regem cada um destes campos do conhecimento (por exemplo, qual foi a percepção das pessoas durante e depois de uma experiência com arte). É justamente na fronteira entre a arte e a ciência que esse artigo irá se colocar. Segundo Jean Lancri (2002, p. 31) [1]:

Não impede que, em uma tese em artes plásticas, a razão se ponha a sonhar e o sonho a raciocinar, com grande prejuízo para a instituição universitária. A razão sonha e o sonho raciocina em um casamento – um concubinato, dirão certas pessoas; dirão alguns: uma claudicação – em que a pesquisa em artes plásticas poderia encontrar uma de suas melhores definições.

Esta afirmativa certamente vale para uma pesquisa em intervenção urbana/educação com a particularidade de que esta deve intercambiar o distanciamento do objeto de estudo, em busca de uma visão crítica, com a aproximação e o envolvimento de quem faz parte do campo da *episteme* e por ele se sente transformado.

Não obstante estas considerações, podemos citar Umberto Eco (2009, p. 200-24) [2] para quem um estudo se caracteriza como científico quando:

- i. O estudo debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros (...).
- ii. O estudo deve dizer do objeto algo que ainda não foi dito ou rever sob uma óptica diferente o que já se disse (...).
- iii. O estudo deve ser útil aos demais (...).
- iv. O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas e, portanto, para uma continuidade pública (...).

Com base nestes pressupostos, levantamos as seguintes indagações: Em que sentido a arte, como a ciência, por meio da pesquisa, também pode contribuir para tornar o conhecimento

compreensível para outras disciplinas acadêmicas? Que relações podemos estabelecer entre arte e ciência por meio da intervenção urbana? Estaríamos observando o espaço urbano através de uma outra óptica? Encontramos na

metodologia pesquisa-ação ferramentas favoráveis às investigações prático-reflexivas que sejam úteis aos demais leitores?

Para refletir sobre estas questões nos apoiamos na experiência de intervenção urbana do Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação, denominada *Praça/Casa* (Figuras 1 e 2). Em um dos momentos da intervenção, deslocamos os mobiliários de uma residência (sala de visitas, quarto, cozinha, área de serviço...) para o espaço público da Praça da Gentilândia em um dia de Feira, em Fortaleza, Ceará.



Figura 1 - Intervenção urbana em que os artistas colocaram uma cama no meio de uma praça como forma de refletir o espaço público.



Figura 2 - Um transeunte observa e interage com uma intervenção urbana em que o artista colocou livros juntamente com os objetos de uma barraca.

Nestes ambientes deslocados, em inter-relação com as barracas dos feirantes, aconteceu uma série de atividades envolvendo diferentes saberes: artes visuais, literatura, música, dança, cultura popular, história, arte/educação, etc. O foco

central do grupo era desenvolver um plano que ampliasse o sentido de sala de aula para além do seu caráter tradicional, tanto no que dissesse respeito ao lugar da arte na formação do artista, enquanto prática, como em relação à construção de conhecimentos que a fundamentasse como pesquisa, além de sua ressonância junto ao público.

É sobre esta ação de arte urbana/educação como prática social e sua ligação com a pesquisa-ação que discutiremos a seguir, de forma pontual, as aproximações e os distanciamentos entre arte e ciência.

2 OS SABERES QUE MARCAM AÇÕES

A pesquisa-ação, neste caso, parece abrir espaço para uma zona de confluência daquilo concernente a imaginação e a razão. Ao nosso ver, há pontos de intersecção entre a experiência *Praça/Casa* e os procedimentos com os quais se caracteriza o conceito de pesquisa-ação como “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 1994, p. 14). [3]

O método como o nosso grupo desenvolveu suas atividades está de acordo com a natureza da pesquisa-ação: I. pelo caráter de construção de relações democráticas; II. considerando a abertura de espaços para a participação de todos os sujeitos do grupo (estudantes, professores, feirantes e observadores); III. levando em conta o respeito às opiniões divergentes surgidas no próprio coletivo ou fora dele; IV. discutindo os processos de criação de cada um dos artistas; V. gerenciando os encaminhamentos a partir das decisões grupais. Tudo isto se deu conforme as fases estabelecidas por Michel Thiollent (1994).

Na **fase exploratória**, o grupo contou com diversas reuniões, discutindo não somente o projeto em si, mas também se apoiando em textos relacionados à arte urbana. Delimitamos nessa fase o nosso objeto de ação e conhecemos melhor o campo de investigação, diagnosticando alguns problemas e potencialidades. É esse o objetivo dessa fase: determinar o campo de investigação e os anseios dos participantes, privilegiando a

relação direta com o campo em que se está desenvolvendo a pesquisa.

A escolha da Praça da Gentilândia resultou de debates, propostas e avaliações do grupo. Nesta fase procuramos estabelecer contatos com esta praça, encravada no Bairro do Benfica, entre o centro e os demais logradouros que margeiam a cidade de Fortaleza, Ceará. Seus fluxos de trânsito, suas formas de organização social e simbólica, seus diferentes pontos de articulação (instituições de ensino, bibliotecas, auditórios, teatros, museu, memoriais, centros de cultura, rádio, cinemas, sedes de partidos, parques esportivos, residências universitárias, bares, praças, igrejas, shopping, feira, estação de metrô (em construção), etc.) com os quais formam uma rede complexa na cidade foram um dos critérios para escolha desse espaço público.

Para trabalhar a fase de **formulação do problema**, em que é definida a problemática, tanto teórica como prática, a partir da qual as ações do grupo são focadas, optamos por congregar a ela outra fase, conjuntamente, pautada na **realização de seminários**. Nesses seminários, os próprios membros da equipe apresentavam alguns temas norteadores que suscitavam em debates, discussões e reflexões a respeito da pesquisa em curso.

A feira livre na Praça da Gentilândia acontece desde a década de 50, e segundo os feirantes, encontra-se em franca decadência a partir dos anos 70. Tais condições e situações de espaço lhe conferiam, portanto, aspectos do dia a dia, cuja configuração ajustava-se à ideia do grupo de transformá-la numa sala-de-aula expandida, como espaço público de convivência, convidativa a criar um sentimento de coletividade, de lugar praticado, de produzir mobilizações por melhores condições de trabalho dos feirantes e de vida da comunidade (embora não fosse o foco principal) e por promover relações simbólicas, “ressignificando-lhe” o sentido de pertencimento (como era a feira antes para esses feirantes e como ela se encontra atualmente?). O importante era encontrar nesta prática reflexiva de intervenção urbana resultados que apontassem para novos meios de aprendizagem e construção de conhecimentos em arte/educação.

Uma vez delimitado o campo de ação, partimos para a fase de **seleção de amostra**, a propósito da qual procuramos valorizar a representatividade qualitativa, entrevistando os feirantes com mais

tempo de serviço, ouvindo os moradores do bairro e frequentadores da feira, tomando nota das observações, fotografando o ambiente, levando em conta também o olhar crítico de alguns membros do grupo na condição de passageiros do bairro. Estas observações passaram a fazer parte da fase **coleta de dados**, sempre apresentada nas reuniões do grupo, onde eram descritas e analisadas, sendo assim úteis na fase de **elaboração do plano de ação** responsável pelo enfrentamento dos problemas sobre o objeto de estudo.

Com a elaboração do plano de ação tratamos de expor em que sentido (de pertencimento ao bairro) nós, os feirantes e os moradores seriam beneficiados em relação aos propósitos estabelecidos na pesquisa. Tratamos também de saber o alcance do plano para a comunidade, que foi a publicação sobre a praça em jornais impressos de grande circulação; Seguimos os procedimentos de uma pesquisa em que conversávamos com os feirantes e alguns moradores durante as visitas.

Entendemos, por conseguinte, que estes pontos de convergência (as fases da pesquisa) se enquadram nas palavras de Silvio Zamboni (1998, p. 21) [4]: “a arte e a ciência, enquanto faces do conhecimento, ajustam-se e se complementam perante o desejo de obter entendimento profundo”, mais ainda em se tratando desses casos de intervenção urbana/educação em que os dois campos se entrecruzam.

Desse modo operamos num constante movimento entre o que determina a científicidade (a observação e a experimentação) de um estudo e o que marca o território do sensível em arte. Tudo isso num ir e vir em que teoria e prática, reflexão e ação, formam um todo indissociável – aprendemos sobre pesquisa fazendo-a na prática interventiva da praça/casa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a intervenção urbana *Praça/Casa* tenha alcançado em seu trajeto uma poética visual que assuma seu lugar de pesquisa na arte contemporânea, as reflexões que podem demandar a partir daí, sobretudo no campo da pesquisa-ação em arte/educação, não estão plenamente consolidadas. A razão para isto é o pouco número de experiências e informações nesta área de aplicação, o que não nos impede de apontar

algumas observações, ainda que esta investigação esteja em processo.

Trata-se aqui da fase correspondente a **divulgação externa** com a qual trabalhamos o retorno da informação no meio artístico e acadêmico, de modo a divulgar nossa experiência e ampliar os conhecimentos, o que nos leva a concluir a pertinência da metodologia da pesquisa-ação neste processo. Um resultado e exemplo prático é a publicação desse artigo nesse periódico (prática rara no curso de Artes Visuais do IFCE). Seguimos assim continuando a nos reunir e produzir conhecimento. Mais recentemente o grupo segue tendo como lócus o espaço do Benfica e promoveu, durante os dias 23 a 29 de agosto, a Semana de Arte Urbana do Benfica.

¹ Grupo vinculado ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). É composto por alunos, artistas e educadores, com objetivo de trabalhar arte como modo de interação com o espaço urbano, levando em consideração seu contexto histórico, sociopolítico e cultural, na medida em que interrelaciona a obra com seu meio, provocando as mais variadas reações.

² Intervenção Urbana, como uma prática artística que “está ligada a ordens de subjetivação em relação ao espaço, envolvendo condutas, representações e sentimentos de pertencimentos expressos individual e coletivamente” (Pallamin, 2000, p. 30) [3]. Intervir no espaço como maneira de produzir arte.

REFERÊNCIAS

- [1] LANCRI, J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, B; TESSLER, E. (org.).*O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas* (p. 29 a 36). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- [2] ECO, H. *Como se faz uma tese*. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. 22. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- [4] THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa ação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- [5] ZAMBONI, S. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas-SP: Autores Associados, 1998.